ENSAIO SOBRE OS SENTIDOS DE UMA FACÇÃO: O CASO DA FACÇÃO CARIOCA AMIGOS DOS AMIGOS (ADA)

João Vitor Bitencourt[1]

RESUMO:
Este artigo realiza um ensaio sobre a facção Amigos dos Amigos (ADA) e seus sentidos, na busca por uma estrutura discursiva sobre *facção*. O exercício analítico se dá por meio da análise de Funks e a sua articulação com estudos bibliográficos. O funk possibilita extrair narrativas de representações discursivas e o estudo bibliográfico dá condição para o embasamento científico. Durante o mês de julho de 2021 examinaram-se músicas dos principais canais do Youtube que estão vinculados à facção ADA. Os resultados apontam para um sentido que se constitui por meio de uma "síntese de várias coisas", e que pode expressar uma formação ideológica acerca do que é uma facção. O sentido sobre a facção ADA enreda-se por meio de elementos como: o "status" de grupo empresarial; a sua estrutura simbólica e normativa atrelada à violência ("ethos guerreiro"); e pôr fim a sua transversalidade para (e com) o Estado.
Palavras-chave: análise discursiva e sentidos; violência urbana; facção ada

ABSTRACT:
This article presents an essay on the Amigos dos Amigos (ADA) faction and its meanings, in the search for a discursive structure on the faction. The analytical exercise takes place through the analysis of Funks and its articulation with bibliographic studies. Funk makes it possible to extract narratives from discursive representations, and the bibliographic study provides a condition for a scientific basis. During the month of July 2021, songs from the main YouTube channels that are linked to the ADA faction were examined. The results point to a sense that is constituted through a "synthesis of several things", and that can express an ideological formation about what a faction is. The sense of the ADA faction is intertwined through elements such as: the "status" of a business group; its symbolic and normative structure linked to violence ("warrior ethos"); and put an end to its transversality to (and with) the State.
Keywords: discursive analysis and meanings; urban violence; ada faction

1 INTRODUÇÃO: O CAMINHO PARA A PRODUÇÃO DO ARTIGO E O DEBATE SOBRE FACÇÕES

[1] Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutorado. E-mail: joaovitorlg@hotmail.com

O tema das “facções criminosas” é, sem dúvidas, uma problemática em evidência atualmente. No Brasil, a política da guerra às drogas afeta desproporcionalmente as regiões periféricas, pois a estratégia prioritária adotada pelos governos é a do “confronto” às facções e a da guerra, e os moradores ficam expostos à violência cotidiana derivada de operações “antidrogas” e de disputas territoriais pelo controle do mercado ilegal (TELLES, et. al. 2018).

Em meio a esse cenário encontram-se as “facções criminosas” que atuam com o “tráfico de drogas”, assim são comumente chamados (pelas mídias tradicionais e pela população em geral) os grupos que estão presentes nas favelas brasileiras - e que disputam o controle de territórios para os mercados varejistas de drogas e rotas de comercialização. Questões como *a guerra às drogas*, *o proibicionismo*, *o racismo e o sistema penal*, *a situação do mercado informal e internacional de drogas no capitalismo contemporâneo*, *as interseccionalidades de classe social, gênero, raça/etnia e geração*, são alguns dos principais temas que se imbricam nas análises sobre o “tráfico de drogas” na atualidade. Neste artigo, entende-se esse fenômeno para além do usual que está exposto na Lei 11.343/2006, em seu artigo 33, onde se entende que o tráfico de drogas é o crime que prevê pena de reclusão para quem importar, exportar, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, oferecer, ter em depósito ou fornecer drogas ilícitas (BRASIL, 2006). Da mesma forma, se pensa o seu significado para além do seu conteúdo comum, como o que está previsto no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, que traz que tráfico é um substantivo masculino com o significado de atividade comercial ilegal (TRÁFICO, c2020).

Entende-se que o “tráfico de drogas” se apresenta, às vezes, somente enquanto atividade extrajurídica (o que se dá em função da propagação das ideias usuais e/ou comuns), no entanto esse fenômeno é, para alguns, um “meio de vida”, ou seja, de busca de recursos, e/ou um fenômeno que é transmissão de valores e internalização de regras, certas vezes, é imposição e interferência em espaços de construção das relações sociais (BITENCOURT, 2019). Ainda, vale lembrar que, no que se refere às perspectivas de cunho de maior rigor científico na qual diferentes pesquisadores(as) dos temas do mercado ilícito das drogas e do crime organizado,

de certa forma, “concordam”, o tráfico é também uma representação substituta do trabalho regular legal (JANSEN, 2007; FARIA; BARROS, 2011; DUARTE, 2016, 2020; PICANÇO; LOPES, 2016; COSTA; BARROS, 2019).

Dito isto, se tem a delimitação acerca do que se considera por “tráfico de drogas”. Sendo assim, desloca-se para o tema que é objeto principal deste artigo - as “facções” (facções criminosas, cartéis, máfias, poderes paralelos, entre outras muitas nomenclaturas que são apresentadas em artigos científicos, mídias tradicionais como a televisão e rádio, matérias de jornais e revistas etc.). Propõe-se, com este artigo, contribuir brevemente para embarcar no tema das facções.

Normalmente mergulha-se em narrativas que dão significado às facções como um dos problemas centrais no tocante aos cenários de violência no país. O jornal diário espanhol El País, mundialmente conhecido, traz em meio às últimas eleições presidenciais no Brasil que: *“A escalada das facções criminosas desafia o próximo presidente do Brasil”* (ALESSI, 2018). Esse é o título da reportagem que trata do tráfico de drogas, da segurança pública e das eleições presidenciais. Outro importante veículo de comunicação digital, A Gazeta, que faz parte de uma rede global de organizações de notícias, intitula uma matéria de fevereiro de 2021 como *“Lei precisa se impor com letras garrafais para vencer facções do tráfico”* (A GAZETA, online).

No entanto, o que é exposto acima não é suficiente para aproximarmo-nos do sentido sobre as conhecidas “facções” do “tráfico de drogas”, contudo tendo em vista que esses significados são elaborados por sujeitos e espaços que não estão verdadeiramente próximos às facções, mas somente enxergam significantes atrelados à elas, como o “medo”, o “desconhecido”, o “perigoso”.

Fica a dúvida, portanto, *o que são as facções?* Este artigo busca contribuir, através de um ensaio despretensioso, com reflexões que se lançam à luz desse tema. Para isso, realiza-se um breve exercício analítico sobre a Amigos dos Amigos, conhecida pela sigla ADA, uma das principais facções do Estado do Rio de Janeiro.

Este artigo não tem um compromisso centrado na tipologia documental, pois procura-se realizar um exercício sob à Análise de Discurso (AD)[2]. Há o compromisso com a discursividade que é atravessada pelas condições materiais de produção dos sujeitos e concomitantemente seus produtos (escritas, textos, falas, demonstrações etc.). A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido (CARAGNATO; MUTTI, 2006, p.680-81). O exercício analítico sobre a facção ADA se dá por meio das músicas Funk[3] (de autoria de Mcs[4] que citam a facção), que são de domínio público da plataforma de vídeos Youtube[5].

Se leva em consideração que a produção de uma estrutura discursiva sobre algo se constitui por meio de uma "síntese de várias coisas" que garantem seu sentido. Em AD, o real da língua (a estrutura) é o lugar onde se produz a possibilidade do deslocamento e do equívoco, já o discurso é estrutura e acontecimento, que revela um modo de pensar naquele momento histórico (BRITO, 2012, p.545.).

As condições de produção do discurso, percebidas sob o prisma da Análise do Discurso, podem auxiliar para se "destrinchar" uma formação ideológica a respeito do que é uma facção. Ao pensar sobre o Funk que é escrito e cantado por moradores de favelas, contudo aqueles que citam e/ou vinculam-se de alguma forma com o tráfico de drogas e a facção que predomina no território, entende-se que se trata de uma materialização que é instrumento de reprodução do ser social, desenvolvida por quem

[2] Para Michel Pêcheux (1995, p.160), a ideologia é a matriz do sentido, pois as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1995, p.160).

[3] O funk carioca é inspirado no Miami Bass, um ritmo da Flórida, com músicas mais erotizadas e batidas mais rápidas. Hoje, muitos funks voltam-se para a sensualidade, sexualidade e sexo" (BERNARDES et al., 2015, p. 356-357). Deve-se considerar o caráter de seriedade (nos termos de Gramsci) de uma prática que é parte de um determinado grupo subalternizado, pois o folclore é algo que deve ser levado muito a sério" (GRAMSCI, 2002, p. 136), pois, são formas de compreensão e de experiência de sujeitos.

[4] Mcs são os cantores de Funk que cantam o estilo musical através de diferentes vertentes. MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias.

[5] O Youtube surgiu em 2005 e possibilitou ao usuário estabelecer uma relação diferenciada. Tem o caráter democrático e permite que qualquer pessoa publique vídeos. O acesso pode significar a imersão em informações. Isso não significa que seja gerado algum conhecimento. A experiência pode ser otimizada através da utilização da criticidade. (MOURA; FREITAS, 2018, p. 259-270).

vivência e se transforma junto ao objeto de estudo - a facção. O funk possibilita extrair narrativas de representações que estão no campo da produção e organização social (através da música que também constitui e é constituída por esse fenômeno que é a facção). Ou seja, o funk "fala por ele de forma ampla e coletiva", tendo em vista que uma música popular de uma região expressa, nas estrofes, valores, indignações, representações, estigmas que são socialmente veiculados, diferentes modos de apreender contextos e fenômenos que compõem estas realidades" (PRATES, 2007)[6].

Para a construção do artigo, também se realizou um estudo bibliográfico, que é uma etapa fundamental do trabalho científico e fornece seu embasamento. Consiste no levantamento, seleção, fichamento e socialização de informações relacionadas à pesquisa de livros, revistas, teses, dissertações, anais etc., em qualquer meio: impresso e on-line, o que é imprescindível para situar o objeto de pesquisa num quadro maior de estudos sobre o nosso assunto (WEBER, 2012).

A música Funk é elemento que expressa narrativas de representações que estão no campo da produção e da organização social. Portanto, se dá atenção, por meio do caráter de seriedade, para esse estilo musical, pois é uma prática que é parte de um determinado grupo subalternizado, e ao mesmo tempo é compreensão e experiência desses sujeitos. Na sua articulação com os estudos bibliográficos, que são também uma matriz de sentido (que é produzido) que se procura promover um breve ensaio ("um pontapé inicial") de reflexões sobre sentidos de facção.

Durante o mês de julho de 2021 examinaram-se músicas dos principais canais do Youtube. Os descritores utilizados para a investigação foram: facção; ada; funk; mc. A partir disso, obteve-se acesso aos principais canais que estão vinculados à facção ADA, que fazem menção e/ou trazem apoio a esse grupo em sua descrição ou nas músicas. Foram extraídas estrofes de músicas utilizando os seguintes critérios:

[6] Acerca do debate sobre a música enquanto constituinte da arte e suas possibilidades de estabelecer representações ligadas à estrutura social, sugere-se a leitura de Attali (1995, p. 51-52), que estabelece possibilidades específicas ou redes de produção da música relacionadas a distintas formas de estruturação social." (ATALLI, 1995, apud VARJÃO, 2012, p. 4). Em termos marxistas, salienta-se que, conforme Lukács (apud NETO, 1994), a arte é processo de autoconsciência da humanidade, portanto um reflexo antropomorfizador da realidade.

ser música pertencente a um canal que faz menção direta e/ou apresenta apoio (verbal ou visual) a facção ADA; ser música pertencente a um canal representativo em termos de inscritos e/ou de visualizações totais do canal; ser música que se tem acesso por meio da pesquisa dos descritores mencionados anteriormente[7].

2 O EXERCÍCIO ANÁLITICO SOBRE OS SENTIDOS NAS DISCURSIVIDADES QUE ATRAVESSAM A FACÇÃO ADA: FAZER EMERGIR O QUE É UMA FACÇÃO

Através da música funk, em articulação com estudos bibliográficos, se tem como objetivo fazer emergir um sentido do lugar social que a facção ADA ocupa, a fim de explicitar uma discursividade própria sobre a terminologia/substantivo *facção*. As formas de se construir um discurso estão relacionadas ao sujeito e a situação em que ele se encontra, considerando a sua formação discursiva. Além disso, deve-se pensar o lugar que esse sujeito ocupa, a imagem da sua posição social no discurso constituído pela sociedade (CARMO; MELIAN, 2018). Neste caso, o "sujeito" é a facção ADA, e procura-se o seu lugar social, o que possibilita entendê-lo.

2.1 *"O ADA é uma empresa, é uma firma"*: a facção como grupo empresarial

> *"Alô para o gerente, para os olheiros, para os responsáveis, que fazem o dinheiro chegar até o patrão. E o patrão é do povão, e a favela é o QG [Quartel General] [...] O ADA é uma firma, é uma empresa. E para manter o bagulho tem que ter divulgação"* (MC MAZINHO, 2016).

[7] Os canais do Youtube consultados foram 6: MazinhoTh Do Czr (canal com 2,14 mil pessoas inscritas e um número de 376.544 visualizações totais); Malvina ada (música com 5.218 visualizações e canal com 1.333.126 visualizações totais); Ada Boladão (canal com 1,92 mil inscritos, música com 3,373 acessos e um total de 198.409 visualizações); Vila Vintém resistência (música com 15,208 acessos, canal com 2,49 mil inscritos e 1,899 visualizações totais); Pivete do Youtube (canal com total de 1,899 visualizações totais); Filho de Deus (canal com um total de 5.368 visualizações).

Mc Mazinho, cantor de funk conhecido nas periferias cariocas, foi nascido e criado na favela Vila dos Pinheiros, na Zona Norte do Rio de Janeiro. As suas músicas de sucesso são dos anos 2005 e 2006. A favela em questão, foi "berço" de Paulo César Silva dos Santos, conhecido como Linho, famoso traficante da cidade nos anos 90 e início dos anos 2000. Nesse período, essa favela fazia parte de um suposto Quartel General, onde a facção administrava a sua "empresa". Essa facção foi fundada entre os anos de 1994 e 1998 dentro do sistema penitenciário, seu principal idealizador e fundador foi o traficante Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê. associado a José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha e Celso Luiz Rodrigues, o Celsinho da Vila Vintém (FILHO, 2013). Ainda, conforme o autor, algo importante a se destacar é a diferença que essa facção contém na sua origem, ao ser comparada com as outras duas grandes facções cariocas - O Comando Vermelho (CV) e o Terceiro Comando (TC), atualmente Terceiro Comando Puro (TCP)[8]. Segundo Filho (2013, p.22):

> Diferentemente de outros traficantes de condutas violentas e consumidores de drogas, Uê tinha um conceito diferente do tráfico, pois entendia o comércio ilícito de drogas como algo empresarial. Quando foi preso em 1996 o traficante e a organização ADA já dispunham de uma grande estrutura de distribuição de drogas, assim como ligações com produtores de cocaína dos países vizinhos ao Brasil como Colômbia, Paraguai e Bolívia. Ou seja, Uê acabou fazendo da organização criminosa uma verdadeira empresa com setores de aquisição de matéria prima, transporte, refino, distribuição em pontos de vendas e o comércio propriamente dito.

Não à toa, o funk de Mc Mazinho - com raízes na favela do ADA, preocupa-se em mostrar que a facção é, mais que tudo, uma empresa. Nesse contexto, normalmente no topo tem-se o dono e o patrão, abaixo gerentes que podem ser da maconha, do pó ou do crack. Na parte mediana da hierarquia, estão os soldados que cuidam da segurança. (PICANÇO; LOPES, 2016, p. 105). A facção, portanto, tem um

[8] De forma genérica, usualmente se diz que o Comando Vermelho tem a sua origem na Falange Vermelha, criada na década de 1970 para reforçar a autoridade no sistema penitenciário carioca em meio ao convívio entre presos comuns e militantes dos grupos de esquerda que enfrentavam a Ditadura Militar. As raízes do Terceiro Comando não são muito conhecidas, normalmente se aponta que essa facção surgiu de dissidências do CV, nas ruas cariocas e nas prisões. Atualmente esse grupo é visto através da sigla TCP, uma renovação que constitui de novas articulações do início dos anos 2000.

formato cotidiano que se assemelha ao contexto do trabalho formal usualmente conhecido, no entanto no âmbito do trabalho ilícito. Insere-se na "relação de compra e venda da força de trabalho, visto como um trabalho" (DUARTE, 2016, p. 2-3), pois ao mesmo tempo que se trata de atividade inserida na lógica que gera capital, constitui-se por meio de esquemas usuais como "a competitividade, a busca por lucros, divisão do trabalho" (ibidem, 2016)[9].

2.2 *"Tu vai ser picotado! Quando o ADA te pegar, tu vai ficar estragado"*: a facção ADA e o ethos guerreiro

> *"Vai ser, vai ser, vai ser, tu vai ser picotado. Quando o ADA te pegar, tu vai ficar estragado"* (MC JN, 2014).
>
> *"Em Macaé nós tá pesado, nós damos tiro pra caralho[...] TCP aqui não pisa, vai engolir bala se tentar vir na Malvina"* (MC DIGÃO, 2020).

Uma facção não é compreendida somente enquanto um grupo empresarial. Apesar de se ter uma forte narrativa do ADA enquanto uma empresa, o que supostamente destaca a sua inovação frente às facções existentes até a década de 90, é inegável a forte representação daquilo que é considerado como ethos guerreiro. Trata-se de um fenômeno já estudado, contudo nas áreas da antropologia e da sociologia, que busca explicitar o conjunto de hábitos ou crenças que marcam um determinado comportamento (de um grupo, comunidade, povo etc.).

As estrofes acima, extraídas de músicas de Mcs que cantam para o ADA, explicitam questões como o temor, a ameaça e a tortura. As duas letras de funk demonstram relação com os substantivos apontados e/ou, a depender da análise, questões significativas parecidas. Na primeira estrofe, o adjetivo "picotado" trata-se

[9] A facção que opera em especial no mercado de drogas produz o funcionamento, por exemplo, de grandes multinacionais, sendo que "seu setor central financeiro e seus operadores/as espalhados/as nas periferias que atuam em áreas distintas, mas todos, sem hesitação, com cargos contratuais" (ibidem, 2019, p. 22).

de umas das práticas mais cruéis ao se conseguir pegar ou sequestrar o inimigo. Já na segunda estrofe, se dá ênfase ao domínio do território e a ameaça pelo emprego da força armada, caso o inimigo tente “pisar” na favela das Malvinas, na cidade de Macaé, município do Estado do RJ - onde há forte presença da facção ADA. Em um sentido genérico, o ethos designa aquilo que está relacionado a características culturais (valores, crenças etc.) de um grupo, e o adjetivo guerreiro diz respeito à inclinação dessa cultura para a guerra. A ideia de "ethos guerreiro” é muito bem estudada e explicitada por Zaluar (1994; 2001; 2012), ao chamar a atenção para o surgimento de uma estrutura simbólica e normativa atrelada à violência entre grupos de jovens envolvidos com narcotráfico nas favelas do Rio de Janeiro (ZILI, 2015)[10].

Como visto, ao emergir questões como a ameaça e a tortura, se tem valores favoráveis ao uso da violência, ligados as dimensões da intimidação e do reconhecimento social. Em seu estudo sobre os aspectos simbólicos da violência de facções, Zili (2015, p.472) refere que as práticas de violência não se explicam somente em função da implementação de uma estrutura de negócios criminosos, mas elas tem “significados e valores inerentes a uma estrutura normativa machista e tradicionalista, intimamente relacionada a processos de sociabilidade violenta e de conformação de uma espécie de “ethos guerreiro” entre os jovens envolvidos com as gangues”.

Carrega-se, portanto, não somente o sentido econômico-empresarial, mas significados e valores inerentes a certas normativas de sociabilidade violenta. Os estudos de Zaluar (1994; 2001; 2012), sem dúvidas, contribuem para entender o que é o “ethos guerreiro”, qual a origem desse significado na cena contemporânea, no que tange ao sujeito inserido no contexto da cultura da facção do “tráfico de drogas” (em especial o indivíduo jovem e masculino) - em um cotidiano que torna favorável o uso da violência nas disputas pelo mercado de drogas, em especial no âmbito do varejo nas favelas, onde as pessoas mais impactadas são de raça/etnia negra.

[10] Sugere-se a leitura de Alba Zaluar (2012), Juventude violenta: processos, retrocessos e novos percursos. Link: https://www.scielo.br/j/dados/a/5Q3BGbTKG8P363WddMMV6WM/?lang=pt

2.3 *"Compraram o Batalhão, e agora?"*: facções e a transversalidade com o Estado

> *"Se vende pra Milícia, fecha com quem quiser[...] na paz, ou no perigo, somos Amigos dos Amigos"* (MC CANTADOR, 2019)
>
> *"Para de Caô, você correu! Só pisaram no Nogueira porque estavam com os Pompêu. Brota Milícia, os Amigos estão noite e dia na pista, e o Patrão tá com o Arsenal"* (MC DUJURA, 2021).
>
> *"Nós tá cheio de ódio de Milícia e TCP, que se juntaram para tentar na favela[...] Mas eles correram demais, compraram o Batalhão e agora, se botar o bigode a gente vai arrancar fora"* (MC Desconhecido, 2019).

Uma facção não é compreendida somente enquanto um grupo empresarial e pelo fato de manter, em seu interior, viva a representação do "ethos guerreiro". É inegável um terceiro fenômeno (e/ou elemento): a transversalidade do Estado.

As estrofes acima deixam claras as inúmeras evidências que, no cotidiano, demonstram as imbricações entre Estado e facções. Na primeira letra, a facção ADA diz que seu inimigo pode, inclusive, se "vender" para a milícia, que continuarão sendo do mesmo grupo, mesmo que isso represente perigo. Já na segunda estrofe, a ameaça é direta para a milícia, e ainda há a denúncia que o grupo miliciano somente "pisou" (entrou) no Morro da Nogueira (na Zona oeste do RJ) que é pertencente a facção ADA, pois estavam aliados aos "pompeus" (apelido dado à Polícia). Por fim, a letra da terceira música é mais provocativa e aponta que o TCP se juntou com a milícia para tentar invadir a sua favela, para além disso "comprou" o Batalhão da área[11].

[11] O surgimento das milícias no Rio de Janeiro é datado, contudo, das décadas de 1980 e 1990, o termo milícia refere-se a policiais e ex-policiais (principalmente militares), que tem surgimento na raíz dos "grupos de extermínio", uns poucos bombeiros e uns poucos agentes penitenciários, todos com treinamento militar e pertencentes a instituições do Estado, que tomam para si a função de "proteger" e dar "segurança" e com isso abusam do monopólio da violência garantida pelo Estado, que lhes fornece treinamento e armas. (ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007, p.90). Atualmente, as milícias estão presentes em territórios nos quais o enfrentamento armado com as forças estatais foi bastante reduzido e a atividade imobiliária foi mais intensa - as relações das milícias com os instrumentos coercitivos do Estado e com os mercados imobiliários (GENU/UFF; IPPUR/UFRJ, 2021).

Apesar do tema das corrupções passiva e sistêmica[12] ser polêmico, ele é amplamente discutido na atualidade, em diferentes contextos: político, empresarial, institucional, nas relações contratuais privadas e públicas. Os atos de corrupção para práticas ilícitas e delitos, na estreita relação com o Poder Público, não é exclusividade de um ator faccional. Arrisca-se dizer, inclusive, que todas as facções cariocas agem através da corrupção dos agentes públicos. Silva e Leite (2007, p.563), em estudo sobre a violência, crime e polícia, refletem sobre queixas de moradores que tratam da ineficácia da atuação policial em favelas cariocas, segundo eles, para os moradores, "a ineficácia da atuação policial não decorre estritamente de desinteresse, de preconceito em relação aos favelados. Denúncias de corrupção dos policiais são também recorrentes e fundamentam parte da desconfiança".

Nesse sentido, a transversalidade *para* e *com* o Estado é elemento intrínseco ao fortalecimento de grupos armados. Como dito acima, a corrupção fundamenta a desconfiança em um cenário que se materializam problemas como negociações ilícitas, extorsões e acordos entre as facções, as polícias e as milícias. A já citada socióloga Zaluar, em conjunto com Barcellos (2012, p.20-22) apontam que sem considerar as estratégias eficazes de corrupção dos agentes da lei, "não seria possível compreender a facilidade com que armas e drogas chegam às favelas e às quadrilhas, o que torna factível um estado de combate armado permanente". Nesse contexto, o policiamento é mais violento e corrupto "nas favelas onde predominam famílias abaixo da linha de pobreza, escolaridade baixa e desemprego entre jovens" (ibidem, p.220).

Trata-se de um ciclo "vicioso" e violento, que se alimenta da complementaridade entre as ações de intervenção policial de narrativas "clássicas", através da "guerra às drogas" e da militarização das favelas, ao mesmo tempo que se tem a permanência da corrupção em torno de atividades policiais e/ou milicianas, o que produz uma realidade onde as consequências são negativas.

[12] Entende-se por corrupção passiva, normalmente, aquela de conteúdo mais particular, praticada pelo funcionário público do Estado, onde geralmente solicita-se ou se recebe algo indevidamente. Já a corrupção sistêmica, de forma genérica, se trata daquela de conteúdo mais amplo, onde a questão impregna-se em uma organização ou processo social.

Essa realidade se complexificou nos últimos anos na cidade do Rio de Janeiro, não à toa, no ano de 2021, se lança o relatório *A expansão das milícias no Rio de Janeiro: uso da força estatal, mercado imobiliário e grupos armados* (2021, online), de autoria do Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos (GENI/UFF) e do Observatório das Metrópoles (IPPUR/UFRJ)[13]. Anteriormente, as milícias eram exaltadas como um modelo de segurança comunitária. Hoje, sabe-se ainda que as milícias se envolvem em disputas territoriais violentas e que em diversas áreas elas também lucram com a venda de drogas. Há uma ambígua relação entre milícias e o Estado que amplia sua influência, elegendo representantes políticos. A participação de agentes públicos traz vantagem em relação aos demais grupos criminosos armados, pois no território das milícias o enfrentamento armado é reduzido e a atividade do mercado imobiliário é intensificada (GENI/UFF; IPPUR/UFRJ, 2021, online).

3. À GUISA DE UMA BREVE REFLEXÃO FINAL:

Este artigo buscou contribuir brevemente, por meio do ensaio à luz da Análise Discursiva, sobre os sentidos da facção ADA. O exercício analítico foi por meio da análise de Funks e na concomitante articulação com estudos bibliográficos, o que possibilitou a inserção no campo da produção e da organização social que se entrelaça junto ao objeto de estudo. As músicas que estão vinculados à facção ADA deixam claro que uma facção deve ser percebida através de diferentes elementos.

Acerca das estrofes selecionadas, destacam-se três quesitos. Primeiro, o “status” de grupo empresarial. As facções se assemelham às empresas na questão da estrutura organizacional das atividades e na relação de compra e venda da força de trabalho. Segundo, a sua estrutura simbólica e normativa atrelada à violência (o “ethos guerreiro”). Há uma forte presença da representação de significados e valores

[13] São apoiadores: Apoio: a Fundação Heinrich Böll; a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro; o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. São parceiros: o Fogo Cruzado; o Disque-Denúncia; o Núcleo de Estudos da Violência (NEV/USP); e o Pista News.

ligados a essa posição cultural. Terceiro, a transversalidade para (e com) o Estado. Vivencia-se um ciclo violento que abarca as ações de intervenção policial de narrativas “clássicas” e, ao mesmo tempo, a permanência da corrupção em torno de atividades de milícias e polícias corruptas, onde se promove o abuso do monopólio da violência.

Por fim, se deve salientar que esses elementos não são entendidos para explicar o “significado” ou o “conteúdo” concreto a respeito do objeto de estudo, mas juntos, em complementaridade, fazem emergir uma estrutura discursiva, atravessada por condições materiais de produção, que auxiliam a estabelecer relações sobre a formação ideológica que permeia o sentido de *facção*.

REFERÊNCIAS:

ADA BOLADÃO. Mtg agente tá com ódio de melícia e tcp (exclusiva). Mc Desconhecido. **Canal do Youtube: Ada Boladão**. 28 de out. de 2019. Link: https://www.youtube.com/watch?v=fIUpVmKRrEk

A GAZETA. Lei precisa se impor com letras garrafais para vencer facções do tráfico. **Gazeta**. Online. 2021. Link: https://www.agazeta.com.br/editorial/lei-precisa-se-impor-com-letras-garrafais-para-vencer-faccoes-do-trafico-0221

ALESSI, Gil. A escalada das facções criminosas desafia o próximo presidente do Brasil. **El País**. São Paulo, 30 de agosto de 2018. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/16/politica/1534446775_776752.html

BERNARDES, Jacira Gil. CARLOS, Paula Pinhal de. ACCORSSI, Aline. Funk: engajamento juvenil ou objetivação feminina? **Inter-Ação**, Goiânia, v. 40. 2015.

BITENCOURT, João Vitor. Violência Estrutural e o "tráfico de drogas": as influências no atendimento às famílias na política de assistência social. **PUCRS. Dissertação de Mestrado**. 2019.

BRASIL. Lei de Drogas de 2006. Lei 11.343/2006 - institui o sistema de políticas públicas sobre drogas.

BRITO, Luiz André Neves de. (Re)Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva? **Eutomia**. 2012.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. MUTTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006.

CARMO, Andréia Nascimento. MELIAN, Valdivina Telia Rosa de. Uma abordagem sobre o discurso e a discursividade "Araguaína, A capital do Boi Gordo". **Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará - UEPA**. Out-Dez 2018.

COSTA, Ana Paula Motta; BARROS, Betina Warmling. “Traficante não é vagabundo”: trabalho e tráfico de drogas na perspectiva de adolescentes internados. **Rev. Direito Práx**. v. 10, n. 4, p. 2399-2427, out./dez. 2019.

DUARTE, Joana. Despossuídas do século XXI: mulheres no mercado de drogas no Brasil na última década (2006-2016). **Tese de Doutorado. PUCRS**. 2019.

DUARTE, Joana das Flores. Para além dos muros: as experiências sociais das adolescentes privadas de liberdade. **Dissertação de Mestrado. PUCRS**. 2016.

FARIA, Ana Amélia Cypreste; BARROS, Vanessa de Andrade. Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas. Psicologia & Sociedade, v. 23, n. 3, p. 536-544, 2011.

FILHO, Roberto Gurgel de oliveira. O tratamento jurídico penal das Organizações Criminosas no Brasil. **Dissertação de Mestrado. PUC-Rio**. 2012.

GENI/UFF; IPPUR/UFRJ. A expansão das milícias no Rio de Janeiro: uso da força estatal, mercado imobiliário e grupos armados. **Relatório Final**. 2011.

GRAMSCI, Antonio. Os cadernos do cárcere. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henrique, Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2002. v. 3 (Maquiavel – Notas sobre o Estado e a política).

JANSEN, Ney. Drogas, Imperialismo e Luta de Classe. **Revista Urutágua**. PR. 2007.

MC CANTADOR. Roupinol de Coração. **Canal do Youtube: Vila Vintém Resistência 141**. (Macaé 2019) Lançamento. 23 de out. de 2019. Link: https://www.youtube.com/watch?v=L0ActXQc3RY.

MC DIGÃO. Em Macaé nós tá pesado, TCP aqui não pisa (DJ WN de Macaé). **Canal do Youtube: Malvina ADA**. 11 de abr. de 2020. Link: https://www.youtube.com/watch?v=Z9R5P4uTaoo

MC DUJURA. Para de Cao Vcs Correu. (Pistao da Leonor 2021). **Canal do Youtube: Pivete do Youtube**. 15 de mar. de 2021. Link: https://www.youtube.com/watch?v=chFig-7FLUA

MC JN. Pra chega no Mano. **Canal do Youtube: Filho de Deus**. 8 de agos. de 2014. Link: https://www.youtube.com/watch?v=yIxkqQOWRfE

MC MAZINHO. Mc Mazinho: Coleção Das Antigas Do Mc Mazinho ' 29 minutos de Divulgações (MazinhoTh). **Canal do Youtube: MazinhoTh Do Czr**. Sem data de postagem. Link: https://www.youtube.com/watch?v=6K8IcrqeIg0

MOURA, Gabriela Beatriz Ferraz de. FREITAS, Lúcia Gonçalves de. O Youtube como ferramente de aprendizagem. **Revelli**. 2018.

CARMO, Andréia Nascimento. MELIAN, Valdivina Telia Rosa de. Uma abordagem sobre o discurso e a discursividade "Araguaína, A capital do Boi Gordo". **Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará - UEPA**. 2018.

NETO, José P. CARVALHO, M.C. Brant. Cotidiano: conhecimento e crítica. 3. ed. São Paulo: **Cortez**, 1994.

TELLES, Ana Clara. AROUCA, Luna. RAULL, Santiago. Do #vidasnasfavelasimportam ao #nóspornós: a juventude periférica no centro do debate sobre política de drogas. **Boletim de Análise Político-Institucional**. m.18. 2018.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P.Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: **Unicamp**, 1995 [1975]

PICANÇA, Felícia Silva; LOPES, Natânia P. de Oliveira. O tráfico de drogas em formas: notas de pesquisas sobre o Rio de Janeiro. **Análise Social**, v. LI. 2016.

PRATES, Jane Cruz. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. Textos & Contextos, v. 6, n. 2. 2007.

SILVA, Luiz Antonio Machado. LEITE, Márcia Pereira. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? **Sociedade e Estado**, v. 22. 2007.

ZALUAR, Alba. Condomínio do Diabo Rio de Janeiro, **Ed. da UFRJ**. 1994.

ZALUAR, Alba. Violence à Rio de Janeiro: Styles de Loisirs, de Consommation et de Trafic de la Drogue". **Revue Internationale des Sciences Sociales**, n. 169. 2001.

ZALUAR, Alba e CONCEIÇÃO, Isabel S. (2007), "Favelas sob o Controle das Milícias no Rio de Janeiro: Que Paz?". **São Paulo em Perspectiva**, vol. 21, no 2, pp. 89-101.

ZALUAR, Alba. VARCELLOS, Christovam. Mortes prematuras e conflito armado pelo domínio das favelas no Rio de Janeiro. **Rev. bras. Ci. Soc**. 28. Fev 2013.

ZILI, Luís Felipe. O “mundo do crime” e a “lei da favela”: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte**. Etnográfica Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**. vol. 19. (3). 2015.

WEBER, Daniela. Metodologia para pesquisa em imprensa: experiências através d’O paladino. **Signos**, ano 33, n. 1, p. 9-21, 2012.